

“RESPONDENDO A PESQUISA DE JORGE JULCA E GIFT MTUKWA”
Olga Druzhinina, European Nazarene College, Eurásia

Resposta

É uma honra responder a estas duas interessantes pesquisas, que abordam o tema comum desta sessão, mas ao mesmo tempo nos apresentam suas ideias e pensamentos únicos, já que os autores representam duas diferentes partes do nosso mundo. As pesquisas são complementares, mas, ao mesmo tempo, eles usam suas próprias abordagens e métodos.

Gift Mtukwa compartilha conosco suas ideias de ministério encarnacional através de uma apresentação da teologia Paulina. Ele discute o caráter, a natureza e o objetivo do ministério à luz da missão de Paulo em Tessalônica. Esta abordagem inclui estudo de palavras e uma pesquisa cuidadosa do texto bíblico. Jorge Julca apresenta suas reflexões sobre Cristo como o paradigma para a nossa missão e fornece exemplos de percepções teológicas, que são comuns entre as pessoas da América Latina. Lidando com as imagens tradicionais de Cristo na América hispânica, Julca nos leva ao Cristo Vivo e Vitorioso e ao correto entendimento de Sua missão, que os cristãos devem aceitar como Seus seguidores.

De alguma maneira, os trabalhos a nós apresentados abordam uma questão muito interessante relacionada à nossa missão neste mundo como mensageiros de Deus e seguidores de Cristo. Qual deve ser nossa conduta como enviados de Deus para que possamos intermediar Deus a todas as nações? Como encontrar um equilíbrio quando comunicamos a mensagem sobre Cristo crucificado e ressuscitado? Julca e Mtukwa nos lembram a verdade bem conhecida de que a identidade de um missionário é inseparável de sua missão. Como diz Mtukwa, “a maneira pela qual nós vamos é tão importante quanto ir”. Isso nos lembra as palavras de Christopher Wright sobre a missão de Deus no Antigo Testamento: “um senso de missão, não no sentido de *ir* a

algum lugar, mas de *ser* algo.”¹ Felizmente, nós conhecemos nossa identidade. Este “*ser* algo” torna-se para nós “*ser* discípulos de Cristo” e “*ser* como Cristo”. Portanto, é muito importante conhecer Cristo e entender em que sentido podemos ser como Ele. Nosso conhecimento de Deus nos levará a “perfeição” e “maturidade” que geralmente discutimos a partir de nossa perspectiva Wesleyana.

Em seu artigo, Jorge Julca aponta para a triste verdade de que pessoas de um “continente nominalmente cristão” não sabem quem Jesus realmente é. Elas seguem suas tradições ao invés de seguir o Cristo Ressuscitado e adoram uma imagem criada por sua cultura ao invés da Pessoa que pode lhes dar esperança e transformar suas vidas para sempre. O que mais me impressionou é a universalidade desse problema. As pessoas se dizem cristãs, mas sua imagem de Cristo, que foi formada por sua cultura, tem pouco em comum com o Cristo bíblico. Como russo, reconheço mal-entendidos semelhantes, tradicionalmente desenvolvidos na parte Oriental da Cristandade. Portanto, se quisermos, como igreja, participar da missão redentora de Cristo neste mundo, devemos contextualizar nossa mensagem, mas, ao mesmo tempo, devemos ser fiéis ao evangelho do Cristo crucificado e ressuscitado.

Tanto Mtukwa quanto Julca argumentam que conhecer Cristo é de vital importância, pois somente nosso relacionamento pessoal com Cristo pode nos ajudar a continuar a Sua missão. O artigo de Mtukwa se inspira no “encontro pessoal com Cristo” de Paulo. Ele acredita que este evento não só influenciou o comportamento de Paulo, mas toda a sua compreensão do trabalho missionário ou, como ele disse, “seu *modus operandi*” foi mudado de acordo com “o padrão de Cristo”. Isso implica que Paulo conheceu Cristo e foi capaz de encarnar Seu ministério como

¹ Christopher Wright, *The Mission of God* (Nottingham, England: InterVarsity Press, 2006), 504.

missionário para os tessalonicenses. Da mesma forma, todos os missionários de Deus devem “encarnar a crucificação”, o que também inclui o sofrimento das testemunhas de Cristo neste mundo. Um dos melhores estudiosos bíblicos, Howard Marshal, expressou perfeitamente essa ideia quando comentou a epístola de Paulo aos Filipenses: “Paulo quer conhecer Cristo e ganhar Cristo ... Esta experiência inclui compartilhar o sofrimento de Cristo, tornando-se como ele na sua morte de cruz (Filipenses 2:8), experimentando o poder de sua ressurreição e alcançando a ressurreição dentre os mortos.”²

Parece que Jorge Julca retoma e desenvolve mais profundo essa ideia quando discute em seu artigo “três momentos teológicos chave”: a encarnação de Cristo, a crucificação e a morte, e a Sua ressurreição. Julca acredita que o conhecimento de “quem é Jesus” deve “nos unir com seu modelo de missão”. Como ele observou corretamente, não precisamos do "*Criollo Christ*", que as pessoas relacionam como alguém que nunca viveu como ser humano comum. Portanto, eles acreditam que Jesus não consegue entender as dores e dificuldades associadas à vida cotidiana neste mundo quebrado. É um desafio para nós comunicar a mensagem de Deus e a imagem de Cristo que é totalmente divina e totalmente humana. Julca compartilha conosco uma observação interessante de seu contexto local que mostra o que pode acontecer quando as pessoas prestam muita atenção no “Cristo da cruz” ou no “Cristo do crucifixo”. Eles podem esquecer a imagem do Cristo triunfante. Segundo Julca, isso leva a uma imagem distorcida de seu Salvador. As pessoas o veem como alguém que eles podem “ter piedade e apadrinhar” ao invés daquele que pode fornecer o poder da ressurreição em suas vidas. Portanto, nossa participação na missão de Deus exige nossa própria transformação e uma nova vida, que reflete Cristo. Como Julca explica

² I. Howard Marshall, *A Concise New Testament Theology* (Nottingham, England: Inter-Varsity Press, 2008), 134-135.

usando uma citação de Tozer, “esta vida é possível apenas do outro lado da cruz”, a vida que “nasceu da morte”. Esta morte significa morrer para ambições pecaminosas e egoístas, mas isso também significa a ressurreição para uma nova vida em Cristo, que é a fonte da nossa salvação. Cristo é aquele que nos envia e Ele nos capacita para esta missão.

Ambos os autores enfatizam a centralidade da pessoa de Cristo para a compreensão da missão de Deus neste mundo. Embora Mtukwa mencione o encontro de Paulo com o Cristo ressuscitado, ele presta mais atenção à encarnação e à crucificação de Cristo do que à ressurreição. Ele fala sobre o “padrão de Cristo” na vida de Paulo, implicando a atitude de um servo que ama aqueles a quem serve. Este servo deve cuidar dos menos favorecidos em nossa sociedade: dos pobres, dos necessitados e dos marginalizados. Mtukwa descreve isso como uma encarnação da missão cruciforme quando nenhum engano ou truques podem ser usados, mas “apenas transparência e autenticidade”. Como ele explica, o comportamento dos missionários deve ser Cristológico em um sentido de renunciar a seus direitos, que não deve ser usado para desejos egoístas. Em outras palavras, ele acredita que os mensageiros do evangelho devem exemplificar apenas “o amor cruciforme de Cristo”. Caso contrário, seus métodos não serão coerentes com o evangelho pregado por eles.

Jorge Julca acrescenta a esta discussão enfatizando a importância de uma experiência pessoal com o poder do Cristo ressurreto. Todo novo cristão a quem apresentamos ao Deus cristão deve entender que sua identidade é a de Cristo. Apesar da nossa nacionalidade, cultura ou tradições, nas quais fomos criados, temos de compartilhar o Evangelho do Cristo vivo e vitorioso que está acima de todas as culturas. Seu Reino está aberto para todas as pessoas que conhecem Jesus como seu Salvador e Senhor. Este não é conhecimento sobre alguém, mas uma experiência pessoal de relacionamentos vivo com Deus em cuja imagem fomos criados. Nesse sentido, a

metáfora de Mtukwa sobre o cristianismo “uma milha de largura e uma polegada de profundidade” nos mostra qual é a grande missão que Deus preparou para seus verdadeiros seguidores. Se queremos mostrar aos outros quão profunda é esta fonte da Boa Nova, então devemos atravessar a cruz em nossa vida e nos unir com Cristo numa nova comunidade de filhos e discípulos. Se dissermos que conhecemos Cristo, nossas ações e nosso comportamento devem ser testemunhas dessa verdade. O significado da compreensão relacional da salvação não pode ser exagerado. A missão de Deus torna-se nossa missão somente se o conhecemos como aquele que nos salva, aquele que nos ama e que nos guia nesta vida para que possamos trazer outros para Ele.

Conclusão

Foi um prazer responder a esses excelentes trabalhos, que fornecem um profundo pensamento teológico sobre nossa missão e identidade como cristãos. Obviamente, como igreja, vamos encontrar diferentes problemas em nossos países ou mesmo nos continentes. No entanto, os principais princípios, que Deus nos deu em Sua Palavra, podem guiar nosso trabalho missionário em todo o mundo. Nosso Deus através da ação do Espírito pode nos capacitar para que possamos alcançar aqueles que não conhecem Cristo como seu Salvador neste mundo. Portanto, nosso papel é viver uma nova vida de obediência a Deus e seguir Cristo em todos os lugares em que Ele nos envia para cumprir Sua comissão: Vá e faça discípulos em todas as nações!